

## HISTÓRIA DA LITERATURA COMO UMA GAIA CIÊNCIA

Aline de Almeida Moura (PUC-Rio)<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por proposta apresentar parte dos resultados obtidos em minha pesquisa de doutorado, cujo foco é discutir a produção de conhecimento em histórias literárias, na busca por alternativas alinhadas com tendências teóricas contemporâneas. Dessa forma, proponho uma ênfase específica sobre aspectos afetivos resultantes do nosso contato com sistemas literários e culturais como também atuantes nesse campo de estudo, aspecto que ainda necessita de um vocabulário que consiga prover caminhos para a sua efetivação dentro da história literária. Para atingir nosso objetivo, escolhemos trabalhar com o conceito de herança desenvolvido por Gerhard Richter (2016) como relevante para a inovação proposta.

**Palavras-chave:** História Literária; Epistemologia; Herança.

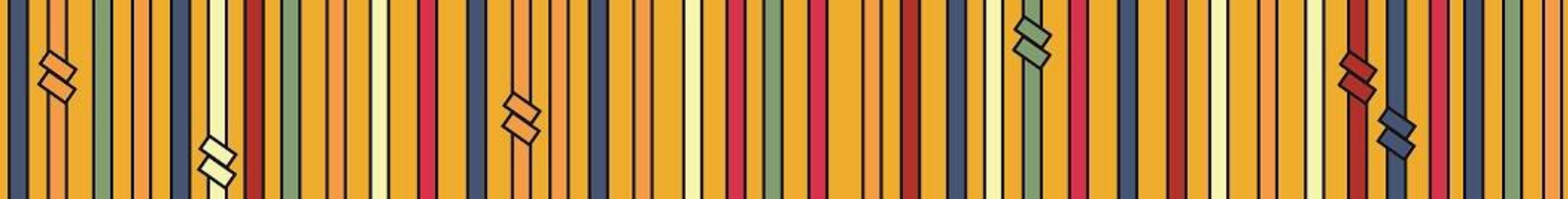
Começamos citando um trecho de *A Gaia Ciência*, do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, texto que serviu como inspiração para a minha tese de Doutorado, intitulado *Um sopro de gaia ciência nas histórias literárias*, desenvolvido sob a orientação da professora Heidrun Olinto, e que apresento apenas um recorte neste artigo. No fragmento 12, *Do objetivo da ciência*, o filósofo alemão se questiona se a maximização do prazer e a minimização do desprazer seria o objetivo da ciência, desenvolvendo a ideia de que, talvez, prazer e desprazer estejam imbricados de tal forma, que um não possa vir sem o outro. Assim, a ciência poderia tanto buscar o mínimo de dor, o que levaria ao mínimo de alegria, assim como o máximo de prazer, podendo ocasionar também desprazeres profundos. No fim do trecho, ele conclui:

Com a ciência pode-se realmente promover tanto um como o outro objetivo! Talvez ela seja agora mais conhecida por seu poder de tirar ao homem suas alegrias e torná-lo mais frio, mais estatuoso, mais estoico. Mas ela poderia se revelar ainda como *a grande causadora de dor!* -- E então talvez se revelasse igualmente o seu poder contrário, sua tremenda capacidade para fazer brilhar novas galáxias de alegria! (NIETZSCHE, 2001, p.67)

Não é do meu intuito e competência, fazer uma exegese desse fragmento, apenas apontar que a minha investigação sobre a história literária começou exatamente devido a esta ausência de alegria, essa frieza que, por outro lado, não fazia parte do meu universo de leitora de ficção literária. A minha inquietação se agravou quando comecei a lecionar uma disciplina intitulada "Literatura na formação do leitor", no curso de Pedagogia do

---

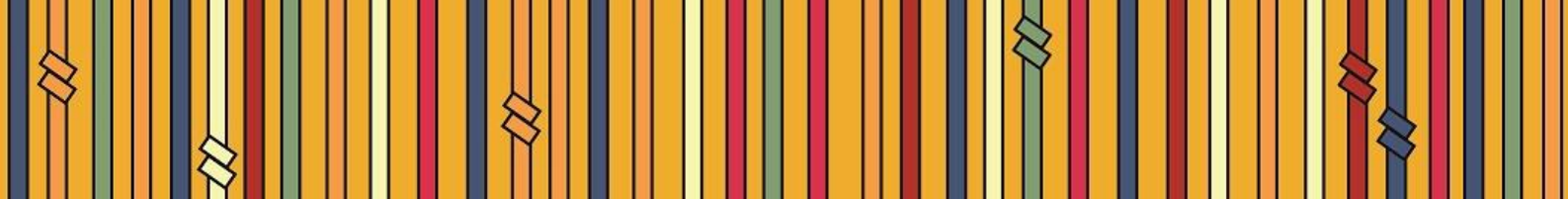
<sup>1</sup> Graduada em Letras (UERJ) e em História (UFF), Mestre em Literatura, cultura e contemporaneidade (PUC-Rio). Atualmente, sou Doutoranda em Literatura, cultura e contemporaneidade (PUC-Rio) e bolsista CAPES. Contato: alinedeamoura@gmail.com.



CEDERJ/UERJ, no ano de 2011. Percebi que futuros professores tinham uma atitude de indiferença para com o nosso objeto de estudo. Empenhei-me, naquele período de professora, em demonstrar como ler ficção poderia ser prazeroso. Assim como agora me empenho, mas no papel de pesquisadora, para pensar em caminhos para que a história literária possa ser uma gaia ciência, no sentido de possibilitar uma produção de conhecimento da história literária com a copresença de afetos característicos do contato com fenômenos literários.

Como em um labirinto, fui desbravando caminhos alternativos, tanto do ponto de vista teórico quanto da análise de experimentos de história literária produzidos recentemente. Além, é claro, das inúmeras ficções que serviram de inspiração para a minha caminhada. Afinal, toda essa pesquisa foi para que os fenômenos literários e culturais – enquanto objetos plenos de afetos e não apenas de conteúdo –, pudessem desempenhar um papel mais central na história literária, que passou a ser entendida nesse pesquisa como uma abordagem específica que produz determinados tipos de conhecimentos no campo dos Estudos Literários, englobando qualquer pesquisa que procure entender os fenômenos literários e culturais através de sua interação com contextos extradiegéticos.

O primeiro caminho, então, foi em busca de reflexões que legitimassem a inserção da gaia, da alegria, dos sentimentos e afetos, na nossa construção de conhecimento histórico literário. Uma entrada foi através das pesquisas do neurocientista português Antonio Damásio. Em seus livros *O erro de Descartes* (1996), com primeira edição em inglês de 1994, *O mistério da consciência* (2000), tradução de *The feeling of what happens* (1999), e *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos* (2004), ele tem constatado que a emoção é "parte integrante do processo de raciocínio e poderia auxiliar esse processo, em vez de, como se costumava supor, necessariamente perturbá-lo" (DAMÁSIO, 1996, p. 6). Não se trata de hierarquizar emoção e razão, mas entender a importância do bom funcionamento de ambas para as tomadas de decisões. Assim, ele explica que, quando nossos corpos entram em contato com determinados contextos que os afetam, são produzidas reações independentes do raciocínio lógico, criando uma paisagem do corpo. A percepção desses afetos é entendida como o sentimento gerado por aquele contexto. Dito de outra forma, emoções são mapeamentos de nossos estados corporais que decorrem do contato com determinados eventos. As



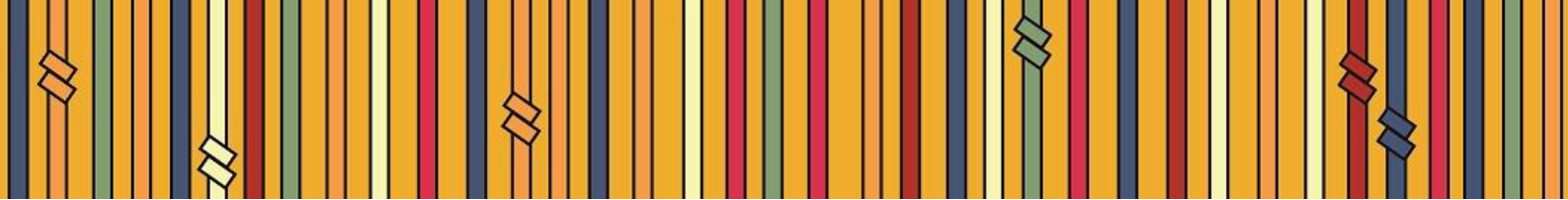
reações sentidas pelo nosso corpo são uma referência fundamental para as interpretações do mundo. Sem um corpo não há sentimentos e sem sentimentos não há razão que se sustente. Essa ideia primordial foi sendo desenvolvida pelo neurocientista e é observável em uma série de diferentes autores e pesquisadores, dentro dos estudos literários. Nesse sentido, cito, apenas como ilustração, a pesquisa de Suzanne Keen, desenvolvida em seu livro *Empathy and the Novel* (2007). Nele, a autora parte da relação entre empatia, entendida como o compartilhamento indireto e espontâneo de afetos, e leitura de textos ficcionais literários para concluir que, dentre outras deduções, as reações afetivas desencadeadas através de uma construção narratológica ajudam na compreensão do texto selecionado. Além disso, embora a capacidade de um texto causar reações empáticas com determinadas personagens pode variar ao longo do tempo, "evidence of an earlier empathetic reaction to novels that no longer reach readers emotionally may be useful to both literary and cultural historians, as well as to teachers hoping to bring classics for a new generation of readers"<sup>2</sup> (p. 74). Nesse sentido, seguindo a linha de raciocínio proposto por Keen, podemos perceber que a consideração dos afetos desenvolvidos através do contato com fenômenos literários é um caminho profícuo não apenas para o seu entendimento, mas também para atrair leitores. Além disso, levar em consideração esse aspecto, como a pesquisadora sugere, é de extrema relevância para o próprio entedimento da obra, em vez de atrapalhá-la, como é defendido por uma perspectiva que acredita na possibilidade de uma pesquisa puramente racionalista, modelo desconstruído pelas pesquisas mais recentes na neurociência, como no anteriormente citado trabalho de Damásio.

De qualquer forma, uma questão se torna relevante: críticos, historiadores e leitores em geral sabem que literatura desperta emoções, afetos, sentimentos, mas como esse saber é usado, se é usado, na produção de conhecimentos? Tendo essa base do Damásio, e parafraseando o antropólogo Clifford Geertz, procurei descobrir o que os historiadores literários pensam que são, o que pensam que estão fazendo e com que finalidade pensam que o estão fazendo.<sup>3</sup> E justifico essa metodologia através de três

---

2 “evidência de uma anterior reação empática a romances que já não alcançam os leitores emocionalmente podem ser úteis tanto para os historiadores literários quanto para os historiadores culturais, bem como para os professores que desejam trazer clássicos para uma nova geração de leitores” (tradução livre).

3 Refiro-me ao seguinte trecho de *Nova luz sobre a antropologia*: “para descobrir quem as pessoas pensam que são, o que pensam que estão fazendo e com que finalidade pensam que o



motivos facilmente observáveis. O primeiro é a falsa ideia de que a história literária não está mais em voga, contraposta pela investigação que fiz no base de dados do sistema de Ensino Superior brasileiro na Plataforma Sucupira em 2016<sup>4</sup>, na qual percebi que todos os programas, seja em mestrado ou doutorado, lidam com a relação entre literatura e história ou literatura e cultura, assim como na coleta de publicações relativas a essa abordagem. Uma segunda razão é que a busca de uma alternativa para o campo requer necessariamente pesquisar se há realmente alguma novidade na proposta. A terceira razão deriva de uma falta de reflexão teóricas mais densas no que fazemos enquanto pesquisadores das Letras, oriunda, dentre outros fatores, de um modelo de pesquisa cujo foco é a mera aplicação de modelos.

Dito isso, comecei a coletar diferentes publicações de abordagens históricas de literatura, produzidas nas últimas duas décadas do século XXI, a fim de verificar se, de algum modo, aspectos afetivos e emocionais estavam copresentes na produção de saberes desses textos.

Não cabe aqui analisar cada uma das dezenas de produções coletadas, pois meu objetivo nessa apresentação é focar em uma das hipóteses levantadas a partir do meu contato com esses experimentos.

Uma discussão constantemente identificada nessas histórias literárias recentes, enfatizada em diferentes graus de intensidade, é a concepção de história que se quer combater e/ou ratificar. Alguns partem de um olhar historicista, narrando como a história literária surge no bojo da História oitocentista e sua organização narrativa. Outros ainda enfatizam que a história é um campo que rastreia as mudanças ocorridas ao longo do tempo, ponto que quero ressaltar.

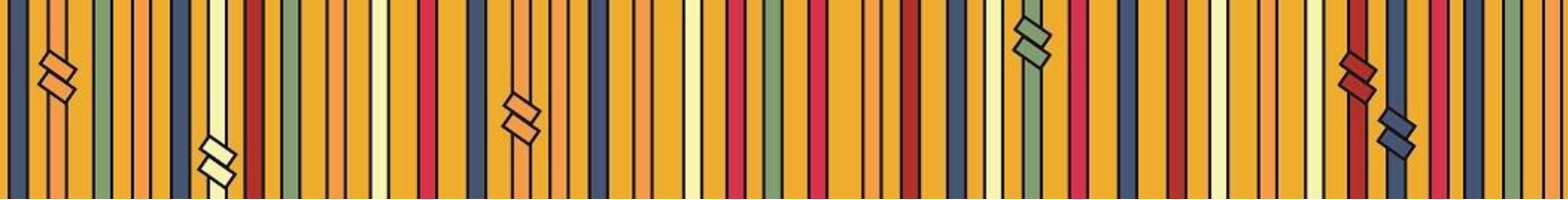
Apesar das mudanças serem, de fato, um aspecto importante da pesquisa histórica, gostaria de apontar para a divisão no campo da pesquisa histórica sugerida por François Furet, entre uma história factual e uma história problema. Em seu texto “Da história-narrativa à história-problema” (1980), o autor sublinha que uma “evolução recente da historiografia é o recuo definitivo dessa forma [factual] de história, sempre florescente

---

estão fazendo, é necessário adquirir uma familiaridade operacional com os conjuntos de significado no meio dos quais elas levam as suas vidas. Isso [...] Requer aprender como viver com eles, sendo de outro lugar e tendo um mundo próprio diferente” (2001).

4 Dados de domínio público, disponíveis no site

<<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativosIves.xhtml?areaAvaliacao=41&areaConhecimento=80200001>>.



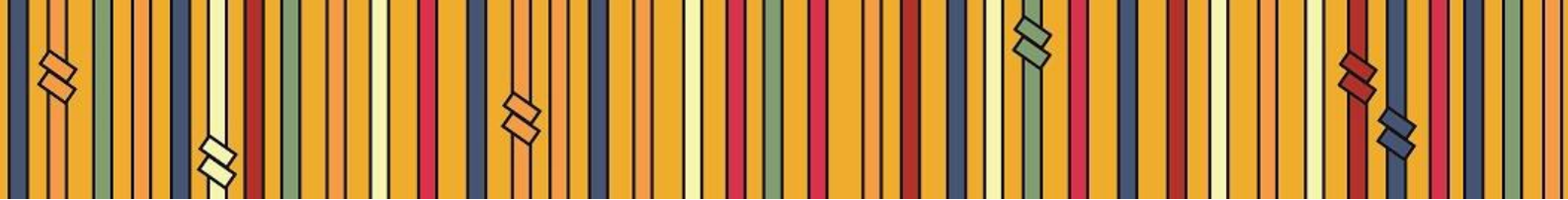
ao nível de produções de grande consumo, mas cada vez mais abandonada pelos profissionais da disciplina” (p. 84). Para ele, a renúncia da história narrativa se deve a fatores como: uma consciência de que o historiador constrói seu objeto de estudo, a expansão da pesquisa histórica para além dos acontecimentos singulares, o entendimento de que as fontes funcionam como forma de comprovar hipóteses elaboradas e de que a conclusão desse trabalho está ligada aos procedimentos de verificação. Peter Burke em seu livro *O que é história cultural?* também aponta para sua rejeição porque a narrativa está associada a uma “ênfase excessiva sobre os grandes feitos de grandes homens” (BURKE, 2008, p. 157-8).

Portanto, ressalto que, nessa matriz francesa, a história não foca na organização cronológica das mudanças ocorridas em determinado contexto sócio-econômico-cultural, mas também quer explicar, analisar ou entender determinado contexto. Assim, mesmo que em uma perspectiva inglesa, com historiadores como Eric Hobsbawn e Lawrence Stone, encontremos discussões sobre o retorno da narrativa, de forma mais complexa obviamente, há uma sólida formação de historiadores cuja preocupação é a história no sentido acima descrito, em perspectiva mais analítica.

Contudo, como ressaltou muito bem Gilberto Mendonça Telles em seu texto, "A crítica e a história na pós-modernidade" (2016), ainda ignoramos muitos elementos nessa perspectiva de rastreamento de mudanças no contexto sócio-cultural brasileiro. Em suas palavras, dentre outros aspectos,

Não aplainamos o caminho para se passar a outro tipo, a outro nível de investigação histórico-literária, como, por exemplo, o levantamento das condições materiais e institucionais da produção e da recepção da mensagem estudada. Não estudamos ainda as técnicas de reprodução, de conservação e transmissão dos discursos oral e escrito. Ignoramos o nosso mercado de livros (edição, difusão, distribuição). Não estudamos as instituições que condicionam as práticas verbais, como as academias, os institutos, as universidades. Não se sabe quase nada da situação do escritor brasileiro nem do público que o lê. Não se fez o levantamento dos códigos e de sua hierarquização (os códigos linguísticos [falares], estéticos e ideológicos) (TELLEZS, 2016, p. 108).

Realmente, ainda falta em nossas Letras para esse tipo importantíssimo de investigação, pois, também me deparei com essa falha durante a minha pesquisa. Mas, acredito que, contrariando a proposta de Telles, também haja espaço para uma história

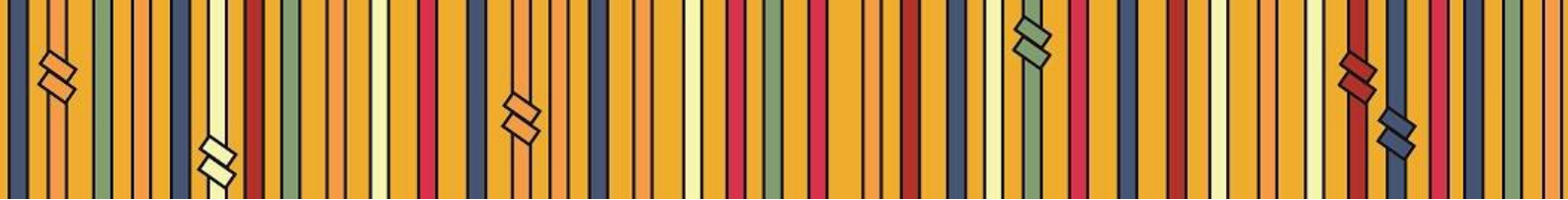


literária de novo tipo, uma história literária cuja ênfase seja no literário e não na história, cuja história tenha outra concepção, tal como procurei elaborar anteriormente.

E qual seria a hipótese que defendo diante de tudo o que foi exposto? Como seria essa história literária como uma *gaia ciência*, pensando na história através daquela matriz francesa?

Proponho, em vez de pensar na história literária como esses dados sobre as mudanças ocorridas no sistema literário, que focássemos na ideia de **herança**. E, para isso, trago à luz a contribuição do pesquisador e professor da Brown University Gerhard Richter desenvolvida em seu livro, *Inheriting Walter Benjamin* (2016). Nesse texto, Richter aponta para sua relação com Walter Benjamin, que se iniciou no ensino fundamental e continua até os dias de hoje. Em sua proposta, ser herdeiro de Walter Benjamin implica ter de lidar com algo que não foi escolhido conscientemente por ele. Em suas palavras, “a experiência do herdeiro como aquele que tanto recebe e transmite uma tradição é marcada por uma liberdade que é consciente de sua não-liberdade (uma vez que se relaciona com uma resposta) para o que veio antes, além de afirmar seu próprio estatus de liberdade precisamente através do esforço em descobrir como se relacionar com a tradição de uma forma nova e singular” (p. 7). Ser herdeiro de Walter Benjamin, para ele, requer também ser fiel ao pensamento desse filósofo ao se querer livre de amarras categóricas ou de utilidade, uma vez que o próprio Benjamin enfatizava que ser herdeiro significa aprender a ler e a se relacionar com sua herança de uma forma única. Implica uma perpétua forma de transformação. Para Benjamin, seria catastrófico o recebimento e transmissão de uma herança através de uma estabilidade. Assim, ler Benjamin não é apenas o “compartilhamento de um conteúdo”, mas uma provocação, um convite para novas formas de herança.

Ora, se não é essa a minha preocupação para com uma abordagem histórica de literatura alternativa. A ideia de herança, nesse sentido, acarreta dois aspectos extremamente relevantes para minha pesquisa. Primeiramente, relaciona-se com essa ideia de liberdade e não-liberdade para com os textos de tradição, pois, ao mesmo tempo que somos livres para lidar com os fenômenos, também há uma não-liberdade implicada pelas respostas que procuramos. Mas, ainda há uma liberdade ao olharmos para os textos de um jeito novo e único. É isso que devemos àqueles que nos legaram, mesmo porque para apenas ter informações há outros meios.



Um segundo aspecto se relaciona com o fato de que na herança, diferentemente de se falar apenas em uma tradição brasileira, norte-americana, colombiana, etc, ressaltamos uma atitude de escolha do herdeiro. Por exemplo, como nasci no território conhecido e reconhecido como brasileiro, eu seria herdeira de produções deste território. Mas, posso não ter uma relação com esses textos, deixá-los de lado e me aproximar de outras tradições, mesmo que, de certa forma, elas façam parte de quem eu sou. Recusá-los também é uma escolha, assim como interpretá-los. Por outro lado, posso também construir uma relação com textos de outros contextos sócio-culturais. Por exemplo, conheci uma americana, mas de avós açorianos, que deixou de lado o seu local de nascimento para se ver como herdeira da literatura portuguesa. Mesmo que seus pais, herdeiros mais diretos, não tenham tido a mesma relação com aquela produção.

Uma consequência dessa perspectiva de herança é que, em vez de ser uma produção de conhecimento centrada em dados que devemos aprender e decorar, há uma relação de outro tipo, sintetizada na pergunta: *quem somos?* O que acontece conosco após o contato com determinados fenômenos. Como sugere Richter, herança é sempre também uma auto-herança, pois estamos lidando com questões sobre o que ela significa para nós, assim como, pelo contrário, o que nosso tempo poderia significar em outros olhos, nos olhos daqueles que herdamos.

Não deixaríamos de lado a ideia de uma tradição, mas a abordaríamos de uma outra forma, pois nosso objetivo seria diferente. Não seria uma história literária focada em traçar genealogias, relações e mudanças existentes, embora esse seja um trabalho muito importante e necessário. Mas uma história literária que permanecesse fiel ao espírito dos fenômenos literários e culturais, permitindo que leitores fossem afetados por seu contato com eles. Em vez de restringir o olhar, provocar.

Outro traço bastante interessante das histórias literárias analisadas é a expansão para leitores não-especializados, com a circulação no grande público desses experimentos. Talvez, essa perspectiva da história literária como uma herança possa ser um caminho para aproveitar esse nicho. Afinal, fenômenos literários, nessa perspectiva, teriam o único dever de ser lidos, apreciados, herdados em sentido pleno. A história literária viria para auxiliar nessa apreciação. Seríamos verdadeiramente herdeiros, não recitadores de estilos literários, obras, ou autores. E, acredito, teríamos muito a ganhar com isso, não apenas na perspectiva de atualização de modelos epistemológicos, através



da atenção aos mais recentes debates desenvolvidos nos campos dos estudos literários e da neurociência, mas também em relação ao o que desejamos aprender quando procuramos elaborar uma pesquisa no campo da história literária.

### Referências bibliográficas

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

DAMÁSIO, Antonio. *O erro de Descartes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

----- . *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Tradução Laura Teixeira Motta; revisão técnica Luiz Henrique Martins Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

----- . *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FURRET, François. "Da história-narrativa à história-problema". In: ----- . *A oficina da história*. Lisboa: Gradiva, 1980, p.81-98.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

KEEN, Suzanne. *Empathy and the novel*. Oxford: Oxford University Press, 2007

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RICHTER, Gerhard. *Inheriting Walter Benjamin*. Londres, Nova Iorque: Bloomsbury, 2016.

TELLES, Gilberto Mendonça. "A crítica e a história na pós-modernidade." In: OLINTO, Heidrun et al. *Literatura e artes na crítica contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.